

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

ALESSANDRA VILLAS-BÔAS

**Efeitos de análises de contingências sobre Comportamentos
Clinicamente Relevantes e sobre mudanças extra sessão
(versão corrigida)**

**São Paulo
2015**

ALESSANDRA VILLAS-BÔAS

Efeitos de análises de contingências sobre Comportamentos Clinicamente Relevantes e sobre mudanças extra sessão

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Clínica
Orientadora: Profa. Dra. Sonia B. Meyer
Co-orientador: Prof. Dr. Jonathan W. Kanter

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Villas-Bôas, Alessandra.

Efeitos de análises de contingências sobre comportamentos clinicamente relevantes e sobre mudanças extra sessão. / Alessandra Villas-Bôas; orientadora Sônia Beatriz Meyer . -- São Paulo, 2015. 200f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Terapia comportamental
2. Análise de contingências
3. Generalização
4. Medidas externas
5. Delineamento experimental
6. Categorização I. Título.

RC489.B4

Nome: Villas-Bôas, Alessandra

Título: Efeitos de análises de contingências sobre Comportamentos Clinicamente Relevantes e sobre mudanças extra sessão

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico com muito amor esse trabalho ao meu Gelvam, que com seu carinho, apoio, incentivo e compreensão, permitiu meu crescimento nesse período.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas têm feito parte da minha vida nos últimos anos (ou há muito mais tempo) e muito contribuíram pra condução desse trabalho. Gostaria então de mencionar meus sinceros agradecimentos:

À minha querida orientadora, **Sonia Meyer**. Sonia, é muito bom concluir essa caminhada ao seu lado. Desde o início da nossa relação, há 13 anos (já!) você tem sido um exemplo pra mim de respeito, afeto, compaixão e sensibilidade. Sem você talvez eu fosse arquiteta hoje em dia... Lembra? Nunca me esquecerei da forma como você me acolheu na minha dúvida e insegurança quando te procurei em crise por não saber se era capaz de ser psicóloga clínica ou até mesmo psicóloga. E agora termino essa jornada ao seu lado. Obrigada por não ter desistido de mim e ter me acolhido nas horas em que mais precisei. Começando com supervisões individuais, passando pelas deliciosas supervisões em grupo de 5a e culminando nesse doutorado. É bom demais ter você em minha vida semanalmente por mais de dez anos. Você me formou como psicóloga clínica, que observa, compreende, desconfia, acolhe, guia, modela, muito além dos primeiros passos. Graças a você estou onde estou...! Obrigada!

Ao meu querido co-orientador, **Jonathan Kanter**. Jonathan, graças a você tenho alcançado conquistas com as quais jamais sonhei, relacionadas tanto a meu desenvolvimento profissional, como também pessoal. Obrigada por sempre ter acreditado em mim e por sempre ter me contado sobre isso. É maravilhoso tê-lo fazendo parte da minha vida. Sem dúvida você foi um dos melhores presentes que esse doutorado me trouxe! Obrigada por tudo que tem compartilhado comigo e por toda a orientação que você tem me dado nesses últimos anos, não só nesse doutorado.

Ao **Glenn Callaghan** por ter sempre considerado essa pesquisa *super cool!* e ter super me incentivado em minhas ideias!

É com muito carinho e gratidão que não posso deixar de mencionar minhas queridas clientes, **Dora, Sol e Carla**. Os nomes são fictícios, mas vocês se reconhecem neles. Graças a disponibilidade e confiança de vocês, foi possível o desenvolvimento desse trabalho. Jamais vou esquecer as particularidades, alegrias e sofrimentos que dividiram comigo, doando parte da nossa história para a presente pesquisa. Um abraço apertado para cada uma de vocês.

A **Claudia Oshiro, Natália Fonseca, Ester Mendes, Paulo André Sutti e Anna Carolina Engelke** por terem sido tão responsáveis, cuidadosos e respeitosos nas ajudas oferecidas nesse trabalho. Agradeço muito pelo tempo despendido!

Às queridas amigas **Marcia Kameyama, Claudia Oshiro** (novamente!) e **Milena Geremias**. Marcia (ou melhor, Marida!) sua companhia nesse período foi essencial para lidar com todas as transformações pelas quais passei, sem você tudo teria sido muito mais difícil...! Obrigada por ser um exemplo, uma companhia, um ombro, uma risada e tantas outras coisas maravilhosas, sempre na hora certa. Já lhe disse inúmeras vezes e repito aqui: eu não sei o que é maior, meu amor ou minha admiração por você! Clau, boa e querida amiga, colega, professora, co-líder, companheira de conversas, desabafos, crises e paranoias! Sempre foi ótimo me esquivar das categorizações para darmos risadas juntas...! Seus conselhos profissionais e acolhimento pessoal, ajudaram imensamente. Mi, você foi mais um dos lindos presentes que o doutorado me trouxe. Você entrou

na minha vida tão rapidamente e por aqui ficou... Que delícia! Trocar experiências de vida e profissionais com você sempre foi uma das minhas atividades favoritas.

Aos demais colegas de laboratório e reuniões de quinta: **Carol Franceschini, Dani Tsubota, Jan Leonardi, Ligia de Carvalho, Mari Castelli, Natália Fonseca, Paty Rossi, Rodrigo Xavier, Tauane Gehm, Victor Mangabeira**, e tantos outros que já passaram por esse grupo! Foi muito bom tê-los como interlocutores e companheiros em todos esses anos!

Aos meus queridos colegas e amigos americanos que me receberam e acolheram tão bem em minhas estadas em Milwaukee e Seattle e tornaram esse período em país estrangeiro, com língua, comidas e costumes diferentes uma experiência incrível! **Adam Kuczynski, Ajeng Puspitasari, Cristal Weeks, David Baruch, Gaby Nagy, Joe Murphy, María Santos, Tara Elisabeth, Will Bowe**, cada um de vocês tem um espaço especial no meu coração.

Aos amigos **Bob Kohlenberg, Fátima Conte, Gareth Holman, Joanne Steinwachs, Mary Loudon, Mavis Tsai, Renato Molina e Yara Ingberman**. O apoio e confiança que vocês depositaram em mim, de diversas formas e em diferentes momentos, fizeram muita diferença!

À querida **Taninha e Adriana** que com seus almoços rápidos, eficientes e atenciosos me salvaram muitas vezes de buracos no estômago e enxaqueca em meio a coleta, categorizações, reuniões... E aos funcionários da secretaria, em especial **Claudia e Moisés** por terem sempre clareado todos os formulários e burocracias!

Às minhas duas queridas famílias americanas, que sempre me receberam tão bem, cuidando de mim das mais diversas formas possíveis, **Katie, David, Zohreh e Saphira; Gwynne, Jonathan e Zoe**. Obrigada por terem feito eu me sentir em casa!

Aos meus pais **Edgar e Sandra** por terem sempre investido e lutado para que eu tivesse uma educação sólida, e também aos meus irmãos **Alexey e Cyrus**. Obrigada por terem me dado toda a base necessária para todas essas conquistas!

Ao meu grande amor e companheiro de vida já há quase uma década, meu porto seguro, **Gelvam Hartmann**. Gê, é impossível imaginar alguém melhor para caminhar junto, acompanhando e incentivando meu crescimento, minhas conquistas e minhas intermináveis horas de categorização e escrita; e também cuidando do meu stress, meu cansaço. Sua compreensão, carinho, respeito e apoio permitiram que eu conquistasse muito mais do que esperava. Obrigada por ter estado ao meu lado por todo esse caminho e por tudo o que virá pela frente. Como você sabe, estar em casa é estar nos seus braços. Te amo!

À **Universidade de São Paulo** e à **University of Wisconsin–Milwaukee** por terem me recebido e acolhido.

À **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo**, pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

O que importa afinal, viver ou saber que se está vivendo?

Clarice Lispector

RESUMO

Villas-Bôas, A. (2015). *Efeitos de análises de contingências sobre comportamentos clinicamente relevantes e sobre mudanças extra sessão*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) tem o objetivo de trabalhar com as dificuldades do cliente através da relação terapêutica, reconhecendo três principais tipos de comportamento do cliente que podem ocorrer em sessão: CCR1 (comportamento-problema), CCR2 (comportamento de melhora) e CCR3 (comportamento de análise). Durante a interação terapêutica, o terapeuta deve estar atento aos CCRs do cliente (Regra 1), evocá-los (Regra 2) e responder a eles de forma natural, principalmente ao reforçar os CCR2s (Regra 3), verificar o efeito do seu comportamento sobre os CCRs (Regra 4) e utilizar estratégias de generalização através de análises funcionais sobre o comportamento do cliente, ou através da solicitação de tarefas de casa que ajudem a promover mudanças no dia a dia do cliente (Regra 5). É possível dividir a interação terapêutica realizada na FAP em duas partes: *experiential* (que englobaria Regras 1 a 4; CCR1 e CCR2 do cliente); e *analítica* (que englobaria a Regra 5 bem como CCR3 do cliente). O objetivo do presente trabalho foi o de verificar se as análises existentes na parte *analítica* são necessárias, ou ao menos auxiliares, na condução da FAP e, em especial, na transferência de aprendizagem ocorrida em sessão para fora dela. Para isso, foi realizado com duas clientes um delineamento experimental de caso único, do tipo A-B-BC-B-BC, no qual A correspondeu a terapia comportamental sem o uso sistemático da FAP; B correspondeu a inserção das Regras 1 a 4 da FAP; e BC a manutenção das Regras 1 a 4 e acréscimo da Regra 5. Foi realizada uma sessão de *follow-up*, com condução semelhante a Fase A, cerca de seis meses depois de encerrado o procedimento, a fim de se verificar a manutenção dos ganhos obtidos com o procedimento. As sessões foram filmadas e posteriormente categorizadas com o sistema FAPRS, analisando-se o comportamento de terapeuta e clientes dentro da sessão experimental. Além disso, dados foram coletados fora da sessão terapêutica, através de registro externo das clientes, de um observador externo para uma das clientes e da aplicação do instrumento EAS-40. Melhoras intra e extra sessão foram alcançadas com a condução do procedimento e mantidas até a sessão de *follow-up*. Foi observado que emissões de Regra 5 na Fase BC, influenciaram o comportamento das clientes de analisar seus próprios comportamentos, incluindo a relação terapêutica. No entanto, não foi observado um efeito diferencial da Regra 5 sobre CCR1 e CCR2 das clientes e tampouco sobre os comportamentos problema e de melhora fora da sessão. Discute-se que diante de um processo claro de modelagem como o conduzido na FAP, análises emitidas por terapeuta ou cliente não pareceram ser necessárias. Talvez tais análises auxiliem nas melhoras obtidas, mas ao menos na presente pesquisa, não o fizeram de forma expressiva e inquestionável. Discussões ainda são levantadas a respeito de instrumentos de coleta sobre melhoras externas e as vantagens que podem ser alcançadas ao se realizar coletas de dados por diversas fontes, incluindo relatos em sessão de episódios de melhora ou problema externo.

Palavras-chave: Terapia Comportamental, Análise de contingências, Generalização, Medidas externas, Delineamento experimental, Categorização.

ABSTRACT

Villas-Bôas, A. (2015). *Effects of analyses of contingencies on clinically relevant behaviors and out of session changes*. Doctoral Dissertation. Clinical Psychology Department. Psychological Institute. University of São Paulo. São Paulo.

Functional Analytic Psychotherapy (FAP) is a behavior analytic, therapeutic approach that addresses the client's difficulties through the therapeutic relationship, recognizing three main kinds of client behaviors that can occur in session: CRB1 (problem behaviors), CRB2 (behavioral improvements) and CRB3 (analytic behavior). During the therapeutic interaction, the therapist should watch for the client's CRBs (Rule 1), evoke them (Rule 2) and respond to them in a natural way, specially reinforcing CRB2s (Rule 3), observing the effects of his/her own behavior on CRBs (Rule 4) and working on generalization strategies, which include analyses of the client's behavior or asking him/her to do homework, promoting changes in the client's daily life (Rule 5). It is possible to break the FAP therapeutic interaction into two parts: *experiential* (including Rules 1 to 4 and the client's CRB1s and CRB2s) and *analytic* (including Rule 5 and the client's CRB3s). The goal of this investigation was to verify if the *analytic* part is indeed needed or at least helpful in conducting FAP, especially with respect to the transfer of learning from in-session to out-of-session (generalization). For this purpose, two clients were submitted to a single-case experimental procedure, A-B-BC-B-BC, in which A corresponded to behavior therapy without using FAP systematically; B corresponded to the introduction of Rules 1 to 4; and BC to the maintenance of Rules 1 to 4 and the addition of Rule 5. A follow-up session, similar to Phase A, was conducted around six months after the procedure was finished, to verify the maintenance achieved with the procedure. The sessions were taped and coded with the FAPRS system, which analyzes the therapist's and client's behaviors in the experimental session. In addition, out-of-session data were collected, using a client diary card, recordings from an external observer for one of the clients, and by administering the EAS-40. Improvements in and out of session were achieved with the experimental procedure and were maintained until the follow-up sessions. Instances of Rule 5 in the BC phases influenced the clients' analyses of their own behavior, including analyses of the therapeutic relationship. However, a differential effect of Rule 5 on the rates of CRB1 and CRB2 or out-of-session improvements or problems was not observed. It was discussed analyses made by therapists or clients do not seem to be necessary in addition to the clear shaping process conducted by FAP. Maybe these analyses can be helpful for the improvements, but with this research they did not appear to be helpful in an explicit and unquestionable way. In addition, the external measurement of outside improvements and the advantages that can be achieved by the collecting data from different sources, including in session reports of problems or improvements, was discussed.

Keywords: Behavior Therapy, Contingency Analysis, Generalization, External Measures, Experimental Design, Coding.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Porcentagem de emissão das categorias referentes às Regras da FAP, dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta, por fase experimental e sessão de *follow-up* com as clientes Dora e Sol..... **93**
- Figura 2:** Porcentagem de emissão das categorias referentes às Regras da FAP, dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta e porcentagem de emissão de categorias referentes aos CCRs (soma de CCR1, CCR2 e CCR3), dentro todas as respostas emitidas pelas clientes Dora e Sol, ao longo das sessões experimentais (F = *follow-up*)..... **94**
- Figura 3:** Porcentagem de emissão das categorias referentes a cada uma das Regras da FAP, dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta ao longo das sessões experimentais com as clientes Dora e Sol. A Regra 3 encontra-se em uma escala diferente das demais (à esquerda). As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante (F = *follow-up*)..... **95**
- Figura 4:** Porcentagem de emissão das categorias referentes à CCR1 e CCR2, dentre todas as respostas emitidas pelas clientes Dora e Sol, ao longo das sessões experimentais. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante (F = *follow-up*).... **99**
- Figura 5:** Porcentagem de emissão das categorias referentes à CCR1 e CCR2 (barras), dentre todas as respostas emitidas pelas clientes Dora e Sol e porcentagem de emissão das Regras 2 e 3 (TRB1 e TRB2), dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta (linhas) ao longo das sessões experimentais. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante (F = *follow-up*)..... **103**
- Figura 6:** Porcentagem de emissão da categoria referente à Regra 5 (linha), dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta e porcentagem de emissão das categorias referentes às análises realizadas pela cliente Sol (soma de CCR3 e O3 - barra), dentre todas as categorias emitidas pelas clientes Dora e Sol, ao longo das sessões experimentais. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante (F = *follow-up*). **106**
- Figura 7:** Frequência média de emissão das subcategorias referentes ao conteúdo das análises realizadas pela terapeuta (T - Regra 5 – barras) e pelos clientes (C - CCR3 e O3 - linhas), divididas em paralelo, C3 (dentro de sessão) e O3 (fora de sessão), emitida em cada fase experimental, para as clientes Dora e Sol. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante..... **113**
- Figura 8:** Frequência média de emissão das subcategorias referentes ao conteúdo das análises realizadas pela terapeuta (T - Regra 5 – barras) e pelos clientes (C - CCR3 e O3 - linhas), divididas em análises sobre comportamento problema (A1) ou de melhora (A2), emitida em cada fase experimental, para as clientes Dora e Sol. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante..... **115**
- Figura 9:** Frequência média de emissão das subcategorias referentes à função das análises realizadas pela terapeuta (Regra 5 – barras), divididas em terapeuta (T) analisa, evoca ou consequencia análises realizadas pela cliente e frequência de emissão das análises realizadas pelas clientes Dora e Sol (C - CCR3 e O3 - linha), em cada fase experimental. **117**

- Figura 10:** Porcentagem de emissão das categorias referentes à CCR1 e CCR2, dentre todas as respostas emitidas pelas clientes Dora e Sol, por fase experimental e sessão de *follow-up*. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante. 120
- Figura 11:** Média semanal da frequência de emissão das respostas registradas pela cliente Dora, por fase experimental (a resposta Pensamentos Ruminativos passou a ser registradas apenas na Fase B1). 122
- Figura 12:** Média da pontuação dada a cada uma das respostas registradas em uma escala de 5 pontos (Raramente – 1; Poucas vezes – 2; Algumas vezes – 3; Muitas vezes – 4; Com frequência – 5), pelo observador externo, por fase experimental. 124
- Figura 13:** Escores obtidos para cada uma das dimensões medidas pela Escala de Avaliação dos Sintomas (Laloni, 2001) e o índice geral global da cliente Dora. A escala foi aplicada 11 vezes e a figura indica o momento do delineamento experimental no qual a aplicação foi realizada. A linha tracejada em cada quadro indica a média da população para o sexo feminino em cada uma das dimensões e a área em cinza, o intervalo de desvio padrão. F corresponde a *follow-up*. 126
- Figura 14:** Porcentagem de emissão das categorias referentes a O1 e O2, dentre todas as respostas emitidas pela cliente Dora, por fase experimental e sessão de *follow-up*. 127
- Figura 15:** Frequência média de emissão de Episódios de O1 e Episódios de O2 detectados nas falas da cliente Dora, por fase experimental e sessão de *follow-up*. 128
- Figura 16:** Média da frequência de emissão das respostas registradas semanalmente pela cliente Sol, por fase experimental. 131
- Figura 17:** Escores obtidos para cada uma das dimensões medidas pela Escala de Avaliação dos Sintomas (Laloni, 2001) e o índice geral global da cliente Sol. A escala foi aplicada 11 vezes e a figura indica o momento do delineamento experimental no qual a aplicação foi realizada. A linha tracejada em cada quadro indica a média da população para o sexo feminino em cada uma das dimensões e a área em cinza, o intervalo de desvio padrão. F corresponde a *follow-up*. 133
- Figura 18:** Porcentagem de emissão das categorias referentes a O1 e O2, dentre todas as respostas emitidas pela cliente Sol, por fase experimental. 134
- Figura 19:** Frequência média de emissão de Episódios de O1 e Episódios de O2 detectados nas falas da cliente Sol, por fase experimental. Repetições de uma mesma resposta emitidas durante a semana não foram contabilizadas. Relatos de problema ou melhora emitidos durante a semana, mas que são parte de um CCR também foram contados. 135
- Figura 20:** Porcentagem de emissão de CCR1 e CCR2 (barras – escala à esquerda), dentre todas as respostas emitidas pelas clientes e frequência média de emissão de Episódios de O1 e Episódios de O2 (linhas – escala à direita) detectados nas falas das clientes, por fase experimental e sessão de *follow-up*. As escalas dos gráficos são individualizadas para cada participante. 145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Códigos utilizados no FAPRS para categorização do comportamento do terapeuta (Callaghan & Follette, 2008), adaptados.	69
Tabela 2: Códigos utilizados no FAPRS para categorização do comportamento do cliente (Callaghan & Follette, 2008), adaptados.	70
Tabela 3: Hierarquia das categorias do FAPRS (Callaghan & Follette, 2008), adaptada para a presente pesquisa.	71
Tabela 4: Subcategorias criadas para Regra 5.	72
Tabela 5: Subcategorias criadas para CCR3 e O3.	73
Tabela 6: Hierarquia das subcategorias criadas para a presente pesquisa.	73
Tabela 7: Delineamento experimental (Etapa II).	86
Tabela 8: Índices Kappa (Siegel & Castellan, 1988) e porcentagens de concordância entre categorizações das aferidoras e pesquisadora.	90
Tabela 9: Correlações de Spearman entre porcentagem de emissão da Regra 5, dentre todas as respostas emitidas pela terapeuta, e a porcentagem de emissão das categorias referentes a CCR3 e O3 dentre todas as respostas emitidas por cada uma das clientes. A correlação foi calculada sem os dados da sessão de follow-up.	107
Tabela 10: Quantidade (n) e probabilidade (%) de emissões de CCR3, O3 e a soma dos dois por Dora e Sol em resposta a uma Regra 5 da terapeuta, por fase experimental, em Lag 1, Lag 3 e Lag 5 (N = quantidade de emissões de Regra 5).	109
Tabela 11: Quantidade (n) e probabilidade (%) de emissões de Regra 5 pela terapeuta em resposta a análises de Dora (CCR3+O3) e CCR3 de Sol, por fase experimental, em Lag 1, Lag 3 e Lag 5 (N = quantidade de emissões de análise de Dora - CCR3 e O3 e quantidade de emissões de CCR3 de Sol).	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	16
ARTIGO: The use of Analytic Interventions in Functional Analytic Psychotherapy 17	
FAP's Five Rules	20
Two Aspects of the FAP Interaction: Experiential and Analytic.....	22
The Potential Importance of the Analytic Component of FAP	24
Definitions of and Relations between Rule 5 and CRB3s	26
Promoting Effective Rules	29
Suggestions for Clinical Implementation of Rule 5 and Shaping of CRB3.....	36
Clinical Example	38
Summary and Future Directions	42
References	43
Investigações a respeito dos mecanismos de ação da FAP.....	48
Evidências de melhoras externas	53
Medidas extra sessão	57
Justificativa e Objetivos.....	62
MÉTODO	63
Participantes.....	63
1) Clientes	63
2) Observador externo.....	63
3) Pesquisadora-terapeuta	64
4) Transcritores	65
5) Aferidores de concordância	65
Ambiente e equipamentos.....	65
Instrumentos.....	66
1) Instrumentos para coleta de dados	66
2) Instrumento para análise de dados	68
Procedimento	73
1) Etapa I – Estabelecimento de vínculo.....	73
2) Etapa II - Delineamento experimental	81
3) Etapa III - Encerramento da coleta e continuidade da terapia e sessão de acompanhamento (follow-up)	86
Análise de dados	87

Aferição de concordância	88
Questões éticas.....	90
RESULTADOS E DISCUSSÃO	92
A) Evidências de condução do delineamento experimental e os resultados gerais apresentados pelas clientes dentro da sessão terapêutica.....	92
B) Os efeitos da Regra 5 sobre comportamentos dentro de sessão.....	105
B.1) Regra 5 e as análises das clientes	106
B.2) Relação entre análises e os CCR1 e CCR2	119
C) Dados e análises sobre comportamento extra sessão.....	122
C.1) Cliente Dora	122
C.2) Cliente Sol.....	131
C.3) Resultados externos e decorrentes reflexões.....	138
D) Relações entre respostas intra e extra sessão	144
E) Reflexões adicionais sobre o papel das análises na FAP	147
Outras possibilidades de contribuição das análises.....	152
F) Análise de concordância.....	155
G) Conclusões.....	157
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICE A.....	170
APÊNDICE B	172
APÊNDICE C	174
APÊNDICE D.....	176
APÊNDICE E	186
APÊNDICE F	190
APÊNDICE G.....	193
APÊNDICE H.....	195
APÊNDICE I	197